

EVANDRO LINS, UM HOMEM DA RENASCENÇA. *

João Luiz Duboc Pinaud

Sobre Evandro Lins e Silva anoto, entre muitos, cinco miúdos e preciosos fatos.

Numa remota segunda-feira ligação de Evandro instaura em voz afobada o insolito diálogo:

- Você tem fax?

Após resposta afirmativa completou impositivo, desligando de seguida:

- Então passe um para mim. Agora!

Enquanto preparava o fax telefonei:

- *Dizendo o que?*

- *Ora, pergunte se no Rio está chovendo? Se terminei o livro de Hobsbauwm? Qualquer coisa. É que já sei receber e passar fax!*

Em voz entusiasmada e triunfante arrematou:

- *Mande e imediatamente respondo!*

Um sujeito chamado Ormino, Armindo, Orvindo, Frágoso, Fraga ou Frágoso, seria o novo presidente do Banco Central da República particular do senhor Fernando Henrique Cardoso. O chamado às pressas (até hoje não explicado pelo governante) fora contemporâneo de suspeito pique na subida da cotação de moedas. E gerou, além dela, inquietação entre nacionalistas. Afinal, o dito Arvindo vinha de onde? Não vinha do ar nem da água. De intervalar soro? Nada disso, o Advindo vinha de Soros ou da nefasta concretude especulativa de lucros para o capital financeiro internacional.¹ E, sem usar o áspero sabor esquerdizante dos empenhos brasileiros em prol da nossa soberania, dava para desconfiar. Pois sabíamos que as nossas elites governativas, são muito ambientais. Isto é, sensíveis ao verde se estampados em notas de dólares. Entretanto, no Brasil, a Mídia e as elegantes pessoas de bem também sabiam bem que incômodos nacionalistas neuróticos aflitos se assustavam com fantasmas insistindo em azucrinar as tranqüilas consciências conservadoras ao denunciar tolas irrelevâncias como mutilação da Amazônia, renúncia escrita a Soberania Nacional através do endividamento externo, lei de patentes, financeirização da economia, desprezo pelo potencial da

¹ “Não é, enfim, governo nacional aquele que, renunciando à soberania, entrega o câmbio e a moeda e o Banco Central da Nação a um ex-agente internacional do mais famoso especulador do planeta, cujos capitais se multiplicam a expensas das crises que fizeram desabar a economia do México e dos países asiáticos, onde os direitos ao desenvolvimento foram varridos das esperanças de seus povos (PAULO BONAVIDES, *Direitos do Brasil – Manifesto dos Juristas*, IAB/Editora Destaque, 1999/2000, pp. 192-193

América Latina, etc.. Sabemos todos nos, que tais denúncias viram jargão, perdem graveza e ofensividade. As pessoas são alheias ou esquecem. Mas o Instituto dos Advogados Brasileiros-IAB, não pensou assim. Inquietado com o suspeito convite do FHC, tomou providências ao seu alcance. Não é patriótico, além de calar a indignação que lateja na memória de Evandro - deixar sem constantes registros: o antigo e valioso IAB, muito revoltado, combatia a nefanda venda da Vale do Rio Doce e o mega-estelionato ao manter a hedionda “dívida externa” e, em tal atmosfera, escrevera o conhecido *Manifesto dos Juristas Brasileiros*², um desmoralizante libelo contra a lesiva política econômica neoliberal do governo Cardoso³. Por essas e por outras, desconfiou que o tal mal vindo Arvindo, e cuidou de sua sabatina do Senado Federal. E questionou: um sujeito com a alma nutrida de juros, lucros e capitalismo, seria atingido por um bem súbito de amor ao seu povo? Ou a especial raposa escolhida, uma vez unguada, deixaria de ser, risco para a ovelha? Afinal, o Brasil tão grande e tão pobrinho (como dizia Vinicius) não merecia o benefício da dúvida? Os opositores do neoliberalismo não tinham direito de pensar que os homens do senhor Cardoso (como hoje os de Lula) não transformavam a *República*

Brasileira em resprivada, e privada nos dois sentidos? Difícil, pela atualidade, não citar textualmente o que Rui Barbosa escreveu ao início do século passado: *República? Isso não. Nem de longe. Reprivada. O Brasil não é uma República: e uma reprivada; privada em todos os sentidos. Não existe o vocábulo? Pois força cunhar o neologismo. Na República a administração é coisa do público. Na reprivada é coisa de privança, é domínio dos privados, é logradouro privativo dos que privam com os açambarcadores do patrimônio comum, e exercem privadamente a tutela da nação, reduzida a pupilagem. Entregue, assim, à absorvência do*

² A partir de uma idéia de Evandro Lins (que passada a mim, em conversa telefônica, quando ironizou que os políticos brasileiros não ostentavam currículos profissionais, mas prontuários criminais, tive oportunidade de realizar seu idealizado Manifesto e divulgá-lo no livro *Direitos do Brasil*, Manifesto dos Juristas Brasileiros, Pinaud et alli (org.) IAB/Destaque, Rio, 1999.

³ O Manifesto dos Juristas, em 1999, enquanto esforço coletivo e sua concreção em livro chegaram a ser um raro exemplo de linguagem fora do poder. Chamamos de **formação reticular de cidadanias** ou **rede popular versus silêncio da mídia**. Tão numeroso não pode ser referido aqui. Apenas anoto os que prontamente atenderam entre tantos de competência técnica e que mantêm com dignidade pessoal o que o pensador e militante político Fabio Konder Comparato chama de *dever de lealdade ao País*. Entre todos avultaram, Alexandre Barbosa Lima Sobrinho, Alaor Sizinio, Calheiros Bomfim, Betinho, Carmem Lucia Antunes, Celso Furtado, Darcy Ribeiro, Eros Roberto Grau, Elton Medeiros, Evaristo Arns, Pinto Ferreira, Milton Santos, Oscar Niemeier, Osny Duarte Pereira, Paulo Schilling, René Ariel Dotti, Rosah Russomano, Sérgio Xavier Ferolla. A leitura do livro torna-se, por sua especificação, indispensável.

*interesse privado, sobreposto em absoluto ao interesse público, a República se desnatura à Reprivada.*⁴

O IAB de pronto reconheceu: tratava-se de provável crime contra o Brasil. E quem seria o Defensor, apto para clarificar tudo e, como sempre vitorioso, esgrimir em prol do nosso combate? Tarefa para grande Criminalista. Nem mesmo uma raposa espertíssima – ainda que bem alimentada por quantificações econometrias, projeções, estatísticas ao gosto das Universidades norte-americanas (Chicago?) poderia driblar com fraudes (teorico-praticas) questionário adrede preparado por um grande Advogado? Além de tudo, Advogado criminal genial. Concertada a condição, logo aflorou um nome: Evandro Lins e Silva. Telefonei para ele comunicando⁵ a escolha unânime do Instituto. Recebeu, qual se esperava, como incumbência de honra, preparar as perguntas. Aproveitei e li, como válido reforço, carta de Paulo Bonavides, analisando a preocupante conjuntura. Isso motivou pergunta irônica: qual o currículo dessas pessoas ocupando altos cargos na República? Evandro, sem demora, respondeu:

- Não são gente de curriculum vitae, possuem apenas prontuários!

Dias depois fui ao escritório dele conhecer o resultado, Leu longo e minucioso questionário manuscrito enchendo muitas folhas. Telefonou para o Senador Saturnino Braga, encareceu o problema, grifou a necessidade da surpresa no encaminhamento das perguntas ao Senador.

Ficava claro: o povo brasileiro, sem saber, havia conseguido um excepcional Advogado de Defesa. O melhor, sem dúvida. Continuei escutando sua leitura. Pronunciava cada pergunta de modo excessivamente lento. Como crianças, mal saídas da alfabetização quando estão lendo em voz alta. Pausadamente, fonema por fonema, repousando em cada um. E à medida que prossegue a leitura o texto lido vai se transformando em alma do mundo. Lembrou-me Roberto Lira. Ele costumava ler – para os que se reuniam em seu apartamento - desse jeito. Alumbramento de primeira leitura, cada artigo do Código Penal. Reconheci então que os hermeneutas geniais são crianças alumbradas lendo em seriedades e concentrações absolutas frases que devem interpretar. Havia assim, no Evandro lendo as perguntas, um ritmo litúrgico, expressando unção plenária em ato advocatício que outro acharia menor.

Mas Evandro queria comentários, sugestões, críticas. Os muitos quesitos eram sutis e, aparentemente parecidos, formavam conjunto

⁴ *Direitos do Brasil/ Manifesto dos Juristas Brasileiros/ Instituto dos Advogados Brasileiros-IAB/ João Luiz Duboc Pinaud (organizador) Rio de Janeiro: Editora Destaque: 1999/2000, pp 3.*

⁵ Ocupava então a Presidência do Instituto dos Advogados Brasileiros –IAB (1999-2000)

cerrado. Ou melhor, perigosa teia. Dela só poderia escapar quem fosse devotado ao Brasil, sentisse a soberania nacional enquanto exigência de gestão, por parte do povo, de sua própria riqueza, e nunca objeto do interesse especulativo externo. Só poderia responder sem contradições e inconsistência, quem possuísse verdade pessoal, dignidade enfim.

Evandro Lins construíra extenso rol de quesitos. Para mim foi difícil acompanhar, como ele queria, o fluxo e apontar, repetições, excessos, inconsistências, fragilidades. E mais e pior: preencher, ali, na hora, os vazios do seu questionamento. Afinal, como acrescentar algo válido a um texto técnico que Evandro Lins preparara detida e devotadamente? Limitei-me a ouvir sem atenção crítica e sabendo que nada além poderia fazer. Fitei aquele homem esguio, alto, naturalmente elegante, de pé, ao lado de sua larga mesa de trabalho, lendo interminável questionário. Distraí-me fitando depois o escritório, as inúmeras fotografias onde iluminavam faces que para mim eram autorias de livros (Afrânio Peixoto, Nelson Hungria, Roberto Lira, Lemos de Brito, Viveiros de Castro) ou nomes de ruas, praças, ou monumentos, por onde transitaram infâncias e mocidades lendo e mitificando.

De repente, diante de mim, o ícone que havia marcado minha geração, meu tempo de estudante de Direito e de advogado criminal iniciante, estava diante de mim e agastado comigo. Ele abriu irritado, sacolas de papel, cheias de recortes de jornais, dizendo que perdera seu tempo, passara todo o período do carnaval lendo, relendo e anotando o que havia sido escrito sobre o tal Arvindo Fragoroso. Tanta concentração para nada, as pessoas não ligavam, nem prestavam atenção. Eu, ali sentado e surpreendido com aquela reação era exatamente as *peças que não ligavam nem prestavam atenção*. Não homem de noventa anos, mas inflamado jovem estudante, indignado, contundente, carbonário protestando e desmontando tudo que violentasse seus sonhos valorativos. Uma saída para mim foi responder: estou imerso no chamado pensamento transcendente que une presente, passado e futuro. Nos retratos dessas paredes, vejo o desenrolar de uma vida a confundir-se com o avanço da consciência brasileira através de sua própria história. Disse que pensava no poder mágico da sociedade quando se organiza, criando representações coletivas como IAB, reunindo pessoas tão dispares e criando complicadas tessituras permitindo a um pouco expressivo Advogado em Niterói, presenciar e participar, no cenário especial daquele escritório na Avenida Rio Branco, da atitude histórica. Acompanhar enfim, a denúncia do IAB através de um brasileiro como Evandro, contra provável ameaça à integridade do Brasil. Ouvi-lo falar com o presidente da

republica, ministros e senadores - Mestre-Escola repreendendo alunos omissos e vadios. Expliquei sentir-me qual músico iniciante recebendo de um Villa Lobos, para dar palpite, a partitura de uma nova composição. Por isso me desviara da redação das perguntas para vê-las enquanto significação maior nos trajetos de minha vida. Depois da minha ineficaz arenga ele sorrindo completou: disse que perdi meu tempo, mas a verdade é que gostei muito de fazer esse trabalho.

Último fato do meu pequeno mosaico: certa vez, vários amigos reuniram-se na casa de Hermann Baeta celebrando seu aniversário. Em volta de mesa a um canto, Evandro, Baeta, Clemente Hungria, Marcio Tomas Bastos, Katia da Matta, Marcello Cerqueira. Assuntos de circunstância. Marcio hesitava com o interromper sua atividade de Advogado aceitando o convite do Lula, então eleito presidente, para assumir o Ministério da Justiça. Colocada a dúvida, o pequeno grupo optou pela aceitação. A oportunidade de prestar ao Brasil, em escala maior, um bom serviço não deveria ser descartada.

Evandro viajaria no dia seguinte, uma quinta-feira, para Brasília. Seria investido no Conselho da República. Meu palpite, que recebeu concordância geral: adiar a viagem. Porque receber das mãos de FHC e não do Lula, um presidente eleito naquela raríssima condição, investidura tão honrosa? Naquela noite, ainda acreditávamos – e durou, a inaceitável ingenuidade – no aceno de posse num janeiro bem próximo, quando nossa sociedade agonizante, encontro marcado com a esperança.

Quando nos despedimos, próximos do elevador, Clemente, Ana, Baeta, Katia e eu, Evandro perguntou-me *como vai o nosso livro?* E completou:

- *Veja lá como vou ficar nessa sua história. Pode ser ficção, mas não é ético!*

Foi a última frase que escutei dele. Hoje reconheço: ela vale tanto quanto um Código de Ética! Cecília Meireles contou que Tagore referia a transformação da crisálida em borboleta, quando jovem invertendo a proposição perguntou:

- Então se eu arrancar as asas de uma borboleta encontrarei uma crisálida?

- Nem em pensamento, respondeu o Poeta, arranque asas de uma borboleta!

A resposta de Evandro (*Pode ser ficção, mas não é ético*) corresponde ao nunca ferir as asas de um sonho. Assim, combateu as brutalidades, do poder e das pessoas, a tortura, a prisão como método de resposta penal.

No entanto, sua pergunta (*Veja lá como vou ficar nessa sua história*) pede agora historinha explicativa. Costumávamos almoçar (Evandro, Baeta, Calheiros Bomfim, Clemente Hungria, no restaurante Albamar. Naquela época estava tentando cometer um terceiro livro, novela policial que não ultrapassara seu título *Passaporte para a sombra*. Portanto, em plena caça de material. Por isso trouxe para nossos encontros o tema do crime passionai. Queria esmiuçar entender o processo interior do homem enciumado planejando matar a mulher. Como seria a tensão entre a racionalidade da premeditação e as pulsões do ciúme, a violência da ação. Portanto pedi reflexões sobre tais perplexidades. Evandro ali mesmo anotou bibliografia essencial sobre o tema. Rabiscou, num papel de guardanapo, títulos, autores, editoras, datas das edições. Mas minha novela precisava de mais, compreensões psicológicas, relatos, revelações, entrevistas, cadernos de campo, tudo que sugerisse as sensações e atuações, antes, durante e depois do crime, do chamado homicida passionai. Evandro levou-me a explicar porque estava concentrado naqueles pontos. Falei do livro onde o marido, um cineasta, planeja matar a mulher e o amante, autor de livro base do seu filme. A trama (desejo de matar a mulher amada, preparação, execução, júri e conseqüências) seria narrada mediante prismas dos personagens, pedaços do romance (argumento), roteiro e do próprio processo de filmagem. Um negocio muito complicado, entrecruzando relatos do marido ciumento, romancista, roteirista, ocorrências do próprio processo de filmagem e marcada vitima. Em cada relato, caminho diferenciado. Enfim, trama repleta de vai e vem, aparentada com dramalhão mexicano da década de 40 e das atuais novelas de televisão.

Importa que o assunto do romance ou novela, com seus patéticos personagens, integrou o cardápio de cada almoço, objeto também de brincadeiras. Nesse clima disse ao Evandro que o texto misturara pessoas reais e se o tal marido ciumento (querendo entender a dinâmica das provas, possibilidades de absolvição, etc..) poderia consultá-lo profissionalmente. Perguntei se aceitaria, e ele negou. Ora, o marido quer matar a esposa e vem buscar minha orientação? Não, isso não é ético! Explicamos, Clemente e eu, o dado diferencial: o "cliente" não revelaria seu plano, apresentando-se como cineasta querendo filmar um homicídio passionai pelo olhar do homicida. Para clarificar os impulsos direcionados para a morte da amada, aliviando a pressão do ciúme, o cineasta necessitaria de enfoques densos. Lembro que chegamos a falar sobre o abismo de perplexidades nesse tipo de assassinato. Mas tudo se apagou de minha lembrança.

Ao reunir notas para este artigo consultei o criminalista Clemente Hungria (ele, embora a contragosto, atuava ao lado de Evandro na minha novela) sobre tal conversa. Clemente que se lembra de tudo, nomes, pessoas, julgamentos, teses, datas, lugares, citações, até cor de gravata, nada conseguiu resgatar. Nossas tentativas resultaram em pouca e vaga lembrança algo mais ou menos assim: o que o agente obtém com seu crime; ladrão quer o objeto furtado, o caluniador se realiza na calúnia, o compulsivo sexual o prazer físico ofertado pelo seu crime, etc.. E o homicida passional e o seu abismo? Comentamos frase que escutei de um condenado por esfaquear a esposa surpreendida com seu amante: *porque ela veio em minha direção? Eu estava com a faca! Porque não correu como ele, fugindo de mim? Se os ponteiros pudessem voltar!* Lembrança pouca ou nenhuma. Recuperamos apenas o travo amargo: porque não entreguei ao Evandro o texto todo da novela rascunhada e não pedi que, em lugar de consulta técnica, prefácio ou estudo introdutório. Ele faria com prazer e rapidamente, verticalizando o tema. Seria valioso, ainda que desmontasse a novela. Hoje, quem reflete sobre crimes e culpabilidades desfrutaria de texto singular de Evandro: analisando um homicídio fictício. Formulei com Clemente varias explicações sobre o não pedir o prefácio que já estava ao meu alcance, ali, sobre a alva toalha do restaurante Alvamar. Todas elas aumentaram minha frustração. Hoje, uma única subsiste, atenua minha omissão e conforta: Evandro possuía tanto élan vital, tantos compromissos com as pessoas... Correspondia ao descrito por Henri Bergson: braços estendido para o amanhã, olhos voltados para o Futuro, na atitude de um corredor, sempre prestes a partir. Portanto, isso de morrer, só podia ser algo longe e fora dele. Por isso eu, quanto tantos que desfrutaram do privilégio de conviver com sua vivacidade luminosa e simples, bem como os que muito ainda esperavam dele, todos no fundo, achavam que fosse eterno. Não sei se foi Baeta, Clemente, Calheiros Bomfim ou seu neto Ranieri quem observou: na vida do Evandro tudo deu certo, tranqüilidade pessoal, saúde, família, profissão, larga descendência, tudo. Sua prodigiosa e longeva advocacia criminal intensa, sem nenhum ato de hesitação moral. E ser deliciosamente ameno, protetor, cúmplice dos desvalidos. Recentemente recebi do jornalista Roberto D'Ávila o vídeo de criativa entrevista⁶ que realizara com Evandro. Talvez tenha sido a derradeira. Evandro espriado em muitos assuntos tornou o vídeo peça para ser exibida e repetida nas Universidades, no seio dos movimentos populares. Um momento em que,

⁶ Roberto D'Ávila, Programa Conexões, TV Manchete.

não Evandro apenas, mas o *charme*, alacridade, *verve*, erudições, entusiasmos e esperanças tiveram ocasião de ser entrevistadas! Isso porque conviver com Evandro sempre resultava em pegar a vida com as duas mãos, acariciá-la, acalmá-la e brigar com ela, se necessário, e sair disso com leveza e a segurança da nossa efetiva possibilidade de guiá-la e niná-la, tal como se pode fazer com crianças pequenas.

O miúdo dos fatos contados ultrapassam minha vivência pessoal e se fizeram públicos porque exemplares. Narrá-los não é só registrar memórias dissipando-se. Um modo de recusar o perdido, o nunca mais, mas recompor as tessituras de um tesouro íntimo, irrepetível, com especial saudade amorosa - não poderia estar lá, dentro de cada momento, posto que era um preciso instante, ainda não saudade. Por isso ajuda agora a tecer tanto quanto ela, a saudade necessita retomar, para re-viver. Enfim, um modo único e intransferível de reencontrar Evandro Lins.

Se vou a reunião da Comissão Nacional de Direitos Humanos da OAB, entro da atmosfera de Evandro. Tanto quanto em classe na Faculdade que tem seu nome como égide, justamente para (não coincidência, mas encontro de linhas) aula de Ética, sei que desfrutei da rara oportunidade de conviver com pessoa especialíssima. Um técnico erudito, intelectualmente sofisticado e simples, jovial, disponível, cáustico, com idéias e atitudes marcadamente individuais, enfim, um homem da Renascença, de cultura ampla e variada como os seus contemporâneos que tornaram pensável a era moderna, maravilhado e curioso em relação ao novo, a tecnologia surpreendente. Enfim, nos dispúnhamos, consultávamos, interpelávamos, convivíamos com alguém sintonizado com os novos séculos, com as exigências e dimensões do indivíduo enquanto condição do coletivo valioso.

Quando estudava no grupo escolar Joaquim Távora disse contente ao meu pai: quase que tirei o primeiro lugar da Escola! Quero ver suas provas! Não é assim. É que o menino – por encontro de linhas, um piauiense, que tirou 100 em tudo, senta na carteira ao meu lado. Pois foi isso. Os deuses do Olimpo me deram convívios com Vinicius de Moraes, João Vilaret, Barbosa Lima Sobrinho, Cecília Meireles, Leonel Brizola e ainda me agraciam com René Ariel Dotti, Elton Medeiros, Oscar Niemeier, Eros Grau, Carmem Lucia e muitos outros, possibilita dizer aos amigos, filhos, netos, bisnetos, ao não mais acabar dos companheiros de viagem da existência: se conheci Evandro Lins? Ora, estudou comigo, e desde o grupo escolar, sempre ficava na carteira ao meu lado. Aprendi tanto com ele, meus amigos e eu convivemos com um homem da Renascença.